

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i27.653>

OS DILEMAS DE UM INTELLECTUAL “TRANSITIVO”: Clóvis Moura e a constituição de uma rede de sociabilidade antirracista no Brasil^{1,2}

DILEMMA OF A “TRANSITIVE” INTELLECTUAL: Clóvis Moura and the constitution of an anti-racist sociability network in Brazil

LOS DILEMAS DE UN INTELLECTUAL “TRANSITIVO”: Clóvis Moura y la constitución de una red de sociabilidad antirracista en Brasil

JOSÉ MARIA VIEIRA DE ANDRADE

Doutorando em História pela Universidade Federal do Ceará e Professor Efetivo da Universidade Federal do Maranhão - Campus Grajaú.

Grajaú-MA, Brasil

zemarvi@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho pretende discutir, a partir de alguns fragmentos da trajetória intelectual de Clóvis Steiger de Assis Moura, as transformações vivenciadas pelo ativismo negro no Brasil, entre 1970 e 1990. Considerando que se trata de um dos nomes mais atuantes nesse universo, tentaremos demonstrar que o escritor traz algumas alternativas de leitura para repensarmos a relação entre ativismo político e intelectualidade negra. Especialmente pelo que denominamos no texto de caráter “transitivo” do trajeto de Clóvis Moura e com base na análise de uma complexa rede de sociabilidades, construída em múltiplas direções e sentidos. Duas questões que nos ajudam a repensar interpretações correntes tanto em torno da produção do ativista, quanto de uma parte significativa das estratégias incorporadas pelo antirracismo no Brasil do período em diante.

Palavras-chave: Antirracismo. Intelectualidade. Clóvis Moura.

Abstract: This paper was produced to discuss the transformations in the black activism in Brazil during the period of 1970 to 1990, by using excerpts from Clóvis Steiger de Assis Moura’s intellectual career. Considering that he is one of the most active people in this range, we intend to demonstrate that the writer involves reading alternatives for re-evaluation of the relation between political activism and black intellectuality. Especially due to the “transitive” nature of Clóvis Moura’s career, also based on complex sociability network analysis that is developed in multiple directions and senses, two inquiries help to reflect on common interpretation around the production of the activist, and on a considerable part of a significative portion of the strategies incorporated by anti-racism in Brazil from the term on.

Keywords: Anti-racism. Intellectuality. Clóvis Moura.

Resumen: Este trabajo pretende discutir, a partir de algunos fragmentos de la trayectoria intelectual de Clóvis Steiger de Assis Moura, las transformaciones vivenciadas por el activismo negro en Brasil, entre 1970 y 1990. En vista de que se trata de uno de los nombres más actuantes en ese universo, intentaremos demostrar que el escritor trae algunas alternativas de lectura para repensar la relación entre el activismo político y la intelectualidad negra. Sobre todo por lo que denominamos en el texto de carácter “transitivo” en el trayecto de Clóvis Moura y con base en el análisis de una compleja red de sociabilidades, construida en múltiples direcciones y sentidos. Dos cuestiones que nos ayudan a

¹ Artigo submetido à avaliação em agosto de 2018 e aprovado para publicação em janeiro de 2019.

² Este texto faz parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida junto a Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará - UFC.

repensar interpretações corrientes tanto em torno a la producción del activista, quanto de una parte significativa de las estrategias incorporadas por el antirracismo en Brasil del período en adelante.

Palabras claves: Antirracismo. Intelectualidad. Clóvis Moura.

Introdução

Apontado como o autor de uma das mais expressivas produções bibliográficas sobre as questões raciais e a história do negro no Brasil, Clóvis Steiger de Assis Moura (1929-2003) tem cada vez mais atraído atenção dos interessados no debate sobre os dilemas do ativismo antirracista nas últimas décadas do século XX. Ao enveredamos por esse universo de estudo neste artigo, acreditamos que uma perspectiva de reflexão que pode trazer uma contribuição relevante ao debate parece ser precisamente a que enverede seu foco de análise para aquilo que poderíamos entender como sendo as particularidades que nortearam o trajeto e os escritos do ativista, ao longo de mais de quatro décadas de atuação.

Desse modo, nosso objetivo principal no texto consiste em, prioritariamente, tentar averiguar quais delas nos oferecem alternativas para repensar alguns significados ou perspectivas interpretativas relacionadas à trajetória do escritor, seja no que diz respeito à relação estabelecida entre o ativismo político e sua atividade intelectual, seja em relação aos principais direcionamentos assumidos pelo ativismo negro, desde então.

Em nossa perspectiva, no percurso de Clóvis Moura ao longo de vários anos de atuação, existem, pelo menos, duas questões que trazem uma contribuição importante e que, nesse sentido, prescindem ainda de maior atenção por parte dos pesquisadores: a questão envolvendo o que podemos chamar de caráter “transitivo”³ do trajeto do escritor e a que envolve as especificidades da complexa rede de sociabilidades⁴ em torno da qual acreditamos que Moura, e uma parte significativa do ativismo negro do período, organizou suas principais estratégias de atuação.

³ A noção de “intelectual transitivo” aplicada nesse estudo é uma apropriação que fazemos a partir da fala do pesquisador João Batista Borges Ferreira, ao aplicar o termo para sugerir que um dos traços mais significativos do trajeto de Moura era justamente o fato de o escritor ter sido um indivíduo que viveu na fronteira, conforme detalharemos melhor no decorrer do texto. FERREIRA, João Batista Borges. O último legado de Clóvis Moura. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 311-312, 2004.

⁴ Pensamos aqui a noção de rede de sociabilidade a partir da perspectiva defendida por Jean-François Sirinelli ao prescrever que essa categoria deve ser tomada como uma chave por meio da qual podemos perceber as relações e os espaços compartilhados, revelando o pequeno mundo estreito dos intelectuais, tais como aqueles que nos defrontamos por meio da análise de revistas e dos manifestos (aos quais podemos acrescentar os jornais). Um amplo universo, onde o historiador pode captar não só as posições, os debates, as polêmicas, as diferenças ideológicas tomadas pelos grupos intelectuais, como também perceber as relações de afetividade expressas nas amizades, fidelidades e influências. Para mais detalhes, cf.: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p.231-269.

Questões que aqui optamos por refletir adotando como caminho metodológico principal a análise de alguns fragmentos biográficos e registros dos deslocamentos e inserções intelectuais de Moura, representado pelo amplo e diversificado conjunto de correspondências individuais e institucionais disponibilizadas pelo acervo pessoal do escritor, atualmente disponível para consulta no Centro de Documentação e Memória da UNESP-SP.

Uma documentação que, conforme tentaremos demonstrar, ao dar visibilidade a uma diversificada rede de trânsitos intelectuais, por um lado, abre a possibilidade para pensarmos o trajeto de Moura para além das classificações correntes de “marginal”, “antiacadêmico” ou de “pensador radical”, e, por outro, ao trazer à tona as sutilezas de um processo de trocas e intercâmbios intelectuais funcionando em múltiplos sentidos e direções, em âmbito nacional e internacional, ajuda a pensar e a repensar as linhas interpretativas correntes sobre o antirracismo no Brasil, bem como acerca da necessidade de outras possibilidades de reflexão que, em nossa apreciação, podem ainda ser mais exploradas. Entre as linhas interpretativas que acreditamos poder ser revista, destacamos a que tem se concentrado em apontar que a predileção do ativismo construído nas décadas em estudo, por um modelo de atuação baseado na defesa de uma identidade racial negra positivada, seria algo decorrente decisivamente da influência do ativismo negro norte-americano⁵.

Não obstante, é importante pontuar que, embora o nosso propósito principal no trato com as referidas questões e fontes de estudo não seja o de tentar fazer uma biografia do indivíduo em questão, no sentido clássico do termo, entendemos que, como bem avaliou François Dosse⁶, operar com biografias e/ou fragmentos biográficos é sempre uma oportunidade singular para ter acesso a elementos privilegiados na “reconstrução de uma época, com seus sonhos e enigmas”⁷. Isso ocorre principalmente quando estamos lidando com “biografias intelectuais”⁸, nas quais o interesse pela vida cotidiana de um dado pensador se cruza com a do homem de ideias que se deixa ler, em certos aspectos, muito mais por suas publicações.

No âmbito da referida tensão aporética, pontua Dosse, é importante observar a necessidade de se buscar uma leitura do trajeto intelectual em foco de modo que o “pensar” e

⁵ Essa interpretação em torno da postura do antirracismo construído no Brasil, a partir da década de 1970, é recorrente em estudos que seguem uma linha de reflexão a exemplo da que encontramos nos ensaios de Antonio Risério. Ao avaliar a postura do movimento negro construído no Brasil, nesse momento, Risério afirma que “ele [o Movimento Negro] tomou para si as categorias norte-americanas de leitura e da questão racial e passou a encarar o Brasil por este prisma. Para mais detalhes, ver: RISÉRIO, Antonio. *Movimentos Negros Hoje*. In: _____. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 376.

⁶ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade, 2009.

⁷ *Ibid.*, p. 11.

⁸ *Ibid.*, p. 361.

o “existir” possam ser retomados juntos, em seus respectivos recortes, por meio de uma abordagem que não dependa nem do internalismo, nem do externalismo extremos⁹. Uma tarefa que, acrescenta François Dosse, exige do pesquisador o compromisso de tentar imprimir uma leitura do objeto em análise, por meio de uma abordagem que possa funcionar como ponte entre os dois polos, e sempre com uma atenção flutuante para com o sujeito biografado.

Em atenção às possibilidades da abordagem de estudo focada na dimensão flutuante entre o “pensar” e o “existir”, acreditamos ser importante mencionar também, nessas páginas preliminares, que a tentativa de compreender melhor certo tema, como o do ativismo negro, tendo como pretexto a trajetória de um dado indivíduo, como a de Clovis Moura, vai ao encontro de uma linha de reflexão que cada vez mais vem atraindo a atenção dos pesquisadores, especialmente nos últimos anos. Uma linha de reflexão que, combinando histórias de vidas, movimento social e político e escrita intelectual, tem vislumbrado uma multiplicidade de caminhos para entender melhor a dinâmica do ativismo negro no Brasil, seu caráter plural, sua posição e particularidade no jogo de influências teóricas transnacionais, conforme tentaremos detalhar melhor no primeiro tópico deste artigo.

Movimentos Negros e intelectualidade antirracista no Brasil

Nos últimos anos, o estudo da produção cultural negra vem passando por um destacado processo de ampliação. Em meio a tal crescimento, destacam-se tanto a presença de trabalhos com perspectivas de análise que procuram pensar a referida produção cultural seguindo uma estratégia de abordagem mais abrangente em termos temáticos, cronológicos ou espaciais, quanto de trabalhos que optaram por enveredar neste campo de estudo observando perspectivas e recortes de análise, focando a especificidade de um dado indivíduo, grupo ou uma determinada manifestação cultural (a música, a literatura, o cinema etc.).

Na primeira perspectiva apontada, tendo em vista o nosso interesse particular nas relações estabelecidas entre racialismo, racismo e antirracismo na segunda metade do século XX, dois trabalhos parecem sintetizar, com bastante propriedade, os avanços e limites do campo de estudo, até o momento: o trabalho de Lívio Sansone, particularmente representado pelo seu livro intitulado *Negritude sem etnicidade*¹⁰, publicado em 2007, e o estudo

⁹ Ibid., p. 369.

¹⁰ SANZONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil*. Salvador; Rio de Janeiro: Palmas, 2007.

desenvolvido por Sérgio Costa, que resultou no livro intitulado *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo*¹¹, publicado em 2006. De modo geral, dois estudos que, cada um a sua maneira, refletem sobre a questão racial no Brasil, por meio de enfoque amplo e comparativo com o universo global do Atlântico Negro, e com uma atenção especial voltada para as correntes teóricas surgidas nas últimas décadas do século.

Paralelamente a essa linha de reflexão representada pelos trabalhos de Costa e Sansone, identificamos a projeção de outros estudos sobre a produção cultural negra que têm procurado, por meio de uma linha interpretativa diferenciada em certos aspectos, trazer à tona outros elementos para entendermos a questão, especialmente no que diz respeito à variedade de sentidos e significados construídos em torno do próprio ativismo antirracista e de seu lugar no jogo de influências transnacionais.

Entre os trabalhos que ajudam a compor o conjunto mencionado, chamou nossa atenção as contribuições trazidas por pesquisas tais como as desenvolvidas por nomes como Verena Alberti, Amilcar Araújo Pereira e Flávia Mateus Rios. De modo geral, são estudos que, ao tempo em que traduzem o crescente interesse que a temática vem despertando nos espaços da pesquisa acadêmica, têm contribuído com a discussão sobre um tema que até o momento parece ter sido pouco explorado, a saber: os trajetos individuais e contribuições particulares de alguns nomes que assumiram certo protagonismo na construção do ativismo negro.

E nesse ponto, o estudo encabeçado por Verena Alberti e Amilcar Araújo Pereira¹² assume um lugar destacado. De modo geral, trata-se de um trabalho de pesquisa desenvolvido, com base na metodologia da História Oral, junto ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Entre os resultados principais da pesquisa, de um lado, foi possível a construção de um acervo documental memorialístico, constituído por dezenas de entrevistas orais obtidas com vários nomes¹³ que teriam

¹¹ COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

¹² ALBERT, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007; PEREIRA, Amilcar Araújo. *O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)*. 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010 e RIOS, Flávia Mateus. *Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado*. 2014. 246 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2014.

¹³ Compõem esse quadro nomes como o de: Amauri Mendes Pereira, Antonio Carlos dos Santos, Carlos Alberto Medeiros, Diva Moreira, Djenal Nobre Cruz, Edna Roland, Edson Cardoso, Flávio José Rodrigues da Silva, Frei David, Ivanir dos Santos, José Francisco dos Santos, Joseane Lima dos Santos, Josilene Brandão, Júlio Romão, Jurema Batista, Justo Evangelista Conceição, Lúcia Xavier, Luiz Alves Ferreira, Luiz Carlos Oliveira, Luiz Silva (Cuti), Magno Cruz, Marcos Cardoso, Maria Raimunda Araújo, Mariléia Santiago, Milton Barbosa, Neide de Jesus, Nilma Bentes, Oliveira Silveira, Olívia Santana, Pedro Cavalcante, Sueli Carneiro, Vanda

participado diretamente do ativismo negro no país, e de outro, o trabalho dos pesquisadores resultou na publicação do livro intitulado *Histórias do Movimento Negro no Brasil*¹⁴, publicado em 2007. Junto a esses, podemos situar também uma sequência de outros trabalhos acadêmicos elaborados por Alberti, Pereira ou por outros pesquisadores, desde então, usando como fontes de análise as entrevistas e depoimentos obtidos no desenvolvimento do projeto citado.

Entre esses últimos, destacamos as reflexões encabeçadas pelo historiador Amilcar Araújo Pereira, em sua pesquisa de doutoramento, defendida em 2010, junto ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob o título de: *“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro no Brasil (1970-1995)*. Nesse trabalho, Amilcar Pereira procura problematizar a contribuição dessas lideranças como chaves primordiais para a compreensão dos meandros dos recentes debates sobre “igualdade, democracia e justiça que estariam gerando tantas polêmicas e mobilizado tantas paixões no Brasil contemporâneo”¹⁵.

Procurando dar ênfase ao que o historiador denomina de processo de “construção política” do “Movimento Negro Contemporâneo”, Amilcar Pereira coloca em discussão as trajetórias de algumas dessas lideranças negras, utilizando-se das entrevistas orais concedidas por eles, bem como de outras fontes documentais escritas, frutos dos debates e movimentações construídas na luta contra o racismo no período em questão, tais como jornais, artigos de revista e manifestos políticos¹⁶.

Seguindo uma linha de reflexão bem próxima da que assumiu Amilcar Pereira, Flávia Mateus Rios, em 2014, também defendeu uma tese de doutoramento, procurando problematizar e dar maior visibilidade ao papel de algumas lideranças ativistas negras, como estratégia de compreensão do antirracismo negro das últimas décadas do século XX e início do século XXI no Brasil. Buscando entender mais especificamente a relação entre movimento negro, partidos políticos e Estado, entre 1978 e 2002, a autora coloca em debate no referido estudo as carreiras profissionais que ela denomina de “políticos negros influentes da cena nacional”¹⁷, especialmente em São Paulo e Rio de Janeiro, lançando mão de vários registros biográficos, além de fontes orais, entre as quais destaca o trabalho com uso de entrevistas dirigidas, material fotográfico, audiovisuais, discursos e projetos políticos, dentre outros.

Menezes, Yedo Ferreira e Zélia Amador.

¹⁴ ALBERT; PEREIRA, op. cit.

¹⁵ PEREIRA, op. cit., p. 26.

¹⁶ PEREIRA, op. cit., p. 26.

¹⁷ RIOS, op. cit., 15.

Em termos gerais, são estudos e pesquisas que trazem à tona a contribuição de nomes que até o momento são praticamente desconhecidos, seja em termos de sua contribuição para a própria luta antirracista, seja no que diz respeito à sua participação no processo de reorganização do campo intelectual brasileiro ocorrido no período em discussão.

É observando mais atentamente esse panorama geral de reflexão que acreditamos ser possível situar com mais precisão o nome do ativista Clóvis Moura, principalmente quando nos questionamos sobre quais seriam as singularidades que demarcam o trajeto biográfico do escritor nos meios políticos e culturais da sociedade, no período em questão, e que contribuíram para que ele optasse pelo campo do antirracismo como lugar privilegiado de atuação.

Ao nos aproximarmos de algumas particularidades que demarcam o trajeto biográfico de Clovis Moura, acreditamos que sua trajetória pode ser uma oportunidade particular para nos ajudar a repensar questões tais como as que envolvem o peso de certas vivências individuais no processo de constituição e “percepção do que é ser negro”, e o que tais questões representam para o pensamento ativista do período. Ou, de modo semelhante, sua trajetória pode ser retomada como pretexto para repensarmos certas perspectivas essencializantes construídas em torno da própria condição militante do escritor, grande parte delas elaboradas e reproduzidas em narrativas e descrições construídas sobre sua trajetória de vida e sobre sua relação com a luta antirracista, perspectivas estas em circulação nos mais diferentes espaços de debate em que o nome do autor costuma ser evocado.

Embora se trate de um indivíduo e de uma trajetória individual ainda recoberta de muitos “silêncios”¹⁸, nos últimos anos o nome do escritor tem sido usado como pretexto para uma diversidade de iniciativas interessadas em dar lugar ao seu legado no cenário cultural brasileiro da segunda metade do século XX e início do século XXI.

Conforme ressalta o historiador Gustavo Orsolon de Souza¹⁹, um renovado interesse pelo escritor que ganhou força, sobretudo, a partir de sua morte, em dezembro de 2003, e se traduziu num conjunto de iniciativas, em sua grande maioria, movidas sob o pretexto de homenagear Clóvis Moura pela contribuição dada ao longo de mais de 40 anos de

¹⁸ Conforme observa Fernando Novais, o silêncio, em certo sentido, é algo também constitutivo da fala, uma impressão interrogativa, como a de um “olho” que, em dadas circunstâncias, parece nada enxergar, mas sentindo que enxerga, como algo que designa uma “presença implícita, oculta”, mas que está “pedindo” para ser “desvendada”. Para mais detalhes, veja: NOVAES, Adalto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁹ SOUZA, Gustavo Orsolon de. *Rebeliões da senzala: diálogos, memória e legado de um intelectual brasileiro*. 2013. 143f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2013.

atuação aos estudos sobre o negro e as questões raciais no Brasil²⁰. Na maioria das iniciativas, muitos críticos e biógrafos procuram exaltar aquilo que seria o papel pioneiro ou inovador dos estudos do escritor para o conhecimento histórico e sociológico produzido no Brasil até então²¹.

Ao mesmo tempo em que tentam manter viva a contribuição intelectual de Clóvis Moura, as iniciativas em sua homenagem contribuem para a elaboração e institucionalização de uma memória do escritor que procura dar-lhe um determinado lugar no universo dos estudos da história social brasileira. Nessa institucionalização, ou seja, os estudos celebrativos, é recorrente reivindicar que o referido lugar estaria diretamente ligado à sua configuração como intelectual “militante”, “radical”, “marginal” e/ou “antiacadêmico”, classificação que, para os interessados, parece dar conta das arestas da particularidade de seu pensamento intelectual e da originalidade de sua escrita “engajada”.

Por outro lado, sobre as relações de Clóvis Moura com o ativismo negro, Gustavo Orsolon de Sousa acrescenta que as razões que teriam levado Moura a uma militância mais efetiva junto aos Movimentos Sociais de luta contra o racismo no Brasil ainda seriam, na apreciação do historiador, uma questão carente de mais detalhamento. Para o historiador, uma das explicações para a questão seria a de que teriam sido as próprias inquietações vivenciadas por Moura, em razão das perseguições exercidas pelo Governo Militar, o fator que influenciou o escritor a se filiar de forma mais incisiva na luta antirracista, no ano de 1974²².

Entretanto, acreditamos que outro argumento importante ainda pouco explorado e que ajuda a explicar com mais precisão a guinada de Moura em direção à militância negra do período, parece ser aquele que procura explorar melhor as questões envolvendo a constante busca protagonizada pelo escritor, durante quase todo seu trajeto, para conquistar mais espaço e/ou reconhecimento no mundo intelectual. Em outras palavras, em nossa avaliação preliminar, parece que é observando em torno da referida busca por mais espaço e reconhecimento que encontraremos os elementos que ajudam a explicar melhor por que o escritor, no decorrer da década de 1960, repensou sua postura em relação à sua própria pessoa

²⁰ Nesse sentido, podemos citar tanto a criação de Núcleos de Estudos e Pesquisa, a exemplo da constituição do *Grupo de Pesquisa Clovis Moura*, criado pelo Movimento Negro, em parceria com o Governo do Paraná, em 2004. Por último temos ainda o grupo de estudos organizado pelo professor Ferdinan Calvante, que atualmente funciona vinculado ao Departamento de Sociologia da UFPI e conta em seu acervo com diversas obras de autoria de Clovis Moura, em sua maioria, doadas pela própria família do escritor, após a sua morte.

²¹ Neste âmbito podemos citar pelo menos duas publicações: primeiro é o livro intitulado “O negro no Brasil: estudos em homenagem a Clovis Moura”, organizado por Luiz Savio de Almeida, publicado em 2003. Em segundo lugar, temos a recente publicação da edição 129 da revista *Princípios*, em fevereiro de 2014, para homenagear os dez anos da morte de Clovis Moura, por meio do encarte intitulado, “Clovis Moura: pensador das raízes da opressão e do protesto negro no Brasil”.

²² SOUZA, op. cit., p. 31.

e à sua condição étnico-racial, chegando à constatação de que, para ele, a opção de assumir sua condição de “negro”²³ era uma decisão necessária e fortuita.

De olho na complexa relação entre trajetória de vida e escrita intelectual, avaliamos que uma forma de aprofundar um pouco mais sobre a questão parece ser tentar entendê-la a partir da perspectiva proposta por João Batista Borges Ferreira, particularmente quando o pesquisador afirma que o traço mais marcante na trajetória de Clóvis Moura era aquele demarcado pelo que podíamos chamar de seu “caráter transitivo”. Em outras palavras, para Borges Ferreira, o escritor havia se destacado, entre os homens de letras do período, precisamente devido à sua “personalidade transitiva”, ou seja, sua destacável capacidade de ser, simultaneamente, “sem embaralhar os limites, branco e negro, militante e intelectual, historiador e sociólogo, jornalista e cientista social”²⁴.

É no intuito de tentar entender melhor o que seria essa dimensão transitiva da trajetória intelectual do escritor, que focaremos no restante do texto em alguns fragmentos e registros de sua correspondência intelectual. Na ocasião, averiguaremos até que ponto um olhar mais detido na rede de contatos circunscrita pela documentação nos ajuda a entender o trajeto do escritor para além de classificações recorrentes, como as de intelectual “radical” ou “marginal”. E, principalmente, averiguar também como os trânsitos descritos pela rede de sociabilidade poderiam abrir outras possibilidades de compreensão à releitura da dinâmica interna do antirracismo brasileiro e de suas articulações com o debate racial do mundo atlântico. Enfim, das questões que envolvem a maneira particular que o ativismo negro do período encontrou para se firmar como movimento social, em meio às tensões políticas e culturais que ocorriam internamente no Brasil.

Clóvis Moura e os dilemas de um intelectual transitivo

Conforme sugeriu João Batista Borges Ferreira, quando tentamos reconstruir alguns fragmentos importantes da história de vida ou da trajetória intelectual de Clóvis Moura, deparamo-nos com uma biografia demarcada por trânsitos e deslocamentos diversos. Atento à referida condição, Fábio Nogueira Oliveira²⁵, na reconstrução biográfica elaborada em sua pesquisa de mestrado, destaca que, desde a infância, a vida de Clóvis esteve marcada por deslocamentos. Primeiramente, quando precisou deixar, junto com a família, sua cidade

²³ Ibid.

²⁴ FERREIRA, op. cit., p. 311.

²⁵ OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clovis Moura e a sociologia da práxis negra*. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - UFF, Niterói, 2009.

natal, Amarante-PI, para refazer a vida em outras cidades do Nordeste. Inicialmente com uma rápida passagem por Natal, no Rio Grande do Norte. Em seguida, uma fixação mais demorada pelas terras baianas. Primeiro em Salvador, onde teriam ficado por um curto espaço de tempo. Posteriormente, em Juazeiro, onde, dentre outras atividades, teria sido o local em que Clóvis Moura teria dado seus primeiros passos no mundo das letras, e foi onde, igualmente, ainda muito jovem, teria ingressado na militância político-partidária junto ao Partido Comunista.

Militância partidária que continuou marcando a vida do escritor no início dos anos cinquenta, quando deixou a vida nas terras baianas e se transferiu para São Paulo. Com a mudança, e a partir de suas ligações com os intelectuais pecebistas, fez nesse novo ambiente alguns importantes avanços na sua carreira como jornalista. Atuando neste ramo de atividade, transitou entre diferentes órgãos de imprensa, ocupando funções diversas, seja como redator de jornal (no *Jornal Última Hora*), entre 1952 e 1958, seja como secretário de redação da Revista *Fundamentos*, entre 1952 e 1955, que reunia intelectuais ligados ou simpatizantes ao PCB; também atuando como diretor da Revista *Flama*, em Araraquara, 1952, que foi fundada pelo próprio Clóvis Moura. Uma fase carregada de incertezas devido à situação política, à clandestinidade da militância pecebista e às peregrinações necessárias à estabilização no meio profissional.

Dificuldades que teriam obrigado o escritor a colaborar também com a imprensa voltada propriamente para fins comerciais, seja como redator dos jornais *Diário da noite e Diário de São Paulo* (1959), seja como subsecretário e crítico literário do *Correio Paulistano*, e de diretor de redação do jornal *Folha de São Carlos*, no período após o Golpe de 1964.

Nesse momento, as preocupações de Clóvis Moura, no campo das pesquisas, voltaram-se para a tentativa de ampliar seu campo de estudo em direção à História, à Sociologia e aos estudos sobre o negro, que antes estivera mais focado na poesia e na crítica literária. O resultado de todo o esforço perpetrado pelo escritor entre as décadas de 1950 e 1960 teria sido a publicação de dois importantes livros de sua autoria: *Rebeliões da Senzala* (1959) e *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964).

Contudo, ainda nos meandros da imprensa jornalística, este outro momento do trajeto intelectual mouriano foi marcado também por uma significativa participação sua junto aos principais espaços da imprensa comunista da época: as revistas *Fundamentos e Brasiliense*. Conforme ressalta mais uma vez Fábio N. Oliveira, foi nas citadas revistas que o

autor publicou alguns artigos que traduziram o seu crescente interesse pelas temáticas relacionadas às rebeliões escravas e pelo “pensamento social brasileiro”²⁶.

Foi justamente nesse momento que as diferentes visões de mundo que compunham o grupo do qual Clóvis fazia parte chegaram a entrar em conflitos mais fervorosos, culminando com a polarização em que, de um lado, agruparam-se alguns nomes em torno da liderança de Caio Prado Júnior e, do outro, uma ala chamada de mais “radical”, em torno da qual se posicionou Clóvis Moura e outros expoentes comunistas ligados à revista *Brasiliense*.

No decorrer da década de 1960 e início da década posterior, apesar da tensa situação política do país, Clóvis Moura, assim como outros nomes do meio intelectual nacional, manteve sua constante colaboração na imprensa jornalística, assumindo, paralelamente uma participação mais efetiva em ciclos de estudos e debates sobre o negro, chegando a integrar como uma das lideranças do Movimento Negro em processo de retomada. A inserção nesse intenso ciclo de debates chegou a resultar na participação do escritor em congressos e viagens internacionais – no momento sob a condição de pesquisador e intelectual negro – a exemplo do Colóquio Negritude e América Latina, realizado em Dakar (1974), e dos Conclaves Acadêmicos de 1977 (O 20º Encontro da *Latin American Studies Association* - LASA e o 7º Encontro ASA – *African Studies Association*).

Não obstante o maior envolvimento com o movimento negro das décadas de 1970 e 1980, o escritor não deixou de colaborar também com a militância político-partidária, como simpatizante do PCdoB. Junto a esse espaço de atuação, uma das principais formas de contribuição de Moura foi a que se deu em torno da Revista *Princípios*, criada no início dos anos 80. Um periódico que circula até os dias atuais, em caráter bimestral, sob a organização da Editora e Livraria Anita Ltda. e com o apoio da Fundação Maurício Grabois.

Contudo, a dimensão transitiva descrita pela trajetória intelectual de Clóvis Moura não é um aspecto que envolve apenas o fato de o autor ter morado em diversas cidades do Brasil, ou a pluralidade de espaços do mundo político e cultural do período em que ele se inseriu. Ela envolve, principalmente, a constituição de uma diversificada rede de contatos e trocas intelectuais, conforme podemos descrever com mais detalhe observando a imensa quantidade e variedade de correspondências que fazem parte do seu acervo documental particular, consultado no desenvolvimento da pesquisa.

²⁶ OLIVEIRA, op. cit., p. 70.

Rede de contatos que veio se construindo desde o período em que ainda morava em terras baianas, tendo como uma de suas estratégias principais de efetivação a constituição de um amplo e variado circuito de troca de cartas e correspondências. Por meio destas trocas de correspondências, Clóvis e outros jovens fazem transitar tanto anseios e aspirações de se afirmarem como intelectuais no mundo da cultura ou da política nacionais, como também intercambiavam o acesso às produções elaboradas em outras regiões mais distantes do país, que dificilmente tinham acesso por outra via.

Fábio Nogueira Oliveira menciona como um dos exemplos de mais importância da rede de contato que veio se formando desde o período que o escritor residia em terras baianas, o caso representado pela troca de cartas mantida na época entre Wilson Brandão e Clóvis Moura, em agosto de 1949. De acordo com Oliveira, Brandão, enquanto uma das lideranças do grupo de jovens escritores da capital baiana que anseiam se firmar como intelectual, havia acabado de retornar de viagem que fizera ao Rio e São Paulo e em umas de suas correspondências endereçadas a Moura procurava dar notícias, ao amigo e correspondente, das novidades que, então, estaria trazendo na bagagem. Esta voltava repleta não somente “[...] de comentários sobre a vida cultural da capital do país”, quanto de outras novidades que, na opinião de Brandão, poderiam interessar ao amigo de Juazeiro, tais como jornais, revistas e suplementos que circulavam pelo Sudeste, entre os quais estaria o jornal *Quilombo*, editado por Abdias do Nascimento.

Fábio Oliveira acrescenta ainda que além de correspondências diretas com integrantes das movimentações intelectuais de Salvador, Clóvis Moura, nessa etapa de sua vida, chegou a trocar cartas com outros nomes que se projetavam no meio intelectual brasileiro à época, tais como Arthur Ramos, Emílio Willens, Donald Pierson, Carlos Drummond de Andrade e Caio Prado Júnior. Contudo, o pesquisador reconhece que não foi possível em seu estudo dizer ao certo sobre quais foram os contatos que facilitaram, nesse momento, o acesso de Moura a esses intelectuais.

Uma limitação que, conforme avaliou Rebeca Gontijo²⁷, coloca em evidência que o trabalho com documentos dessa natureza demanda sempre do pesquisador uma atenção especial para o fato de que, ao mesmo tempo em que formam “espaços legíveis” constituídos de dados a ler, as cartas também organizam aquilo que Gontijo opta por chamar de

²⁷ GONTIJO, Rebeca. Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro. *A escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 163-193.

“momentos de longa duração”²⁸. Ou seja, elas apontam para um elo de cadeias sem começo e nem fim. Nesse sentido, acrescenta Rebeca Gontijo, ler uma carta é entrar em uma longa história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois. O que faz desse tipo de registro, uma espécie de fração combinada de espaço e momento. Espaço de construção identitário, de trocas de ideias e sentimentos, de estabelecimentos de relações e de reflexão sobre si e sobre qualquer outra coisa que em um instante é, e, logo em sequência, pode não ser mais.

No mesmo diapasão, tais registros configuram-se como momentos de comunicação imediata que segue de acordo com as circunstâncias de vida daqueles que se conectam com suas palavras perdidas, suas meias palavras, seus trechos cifrados, suas interrogações sem respostas ou respostas sem perguntas, piadas e emoções muitas vezes apenas sugeridas e que tornam, desse modo, sua leitura algo sempre fragmentado e que pode ser interrompido a qualquer instante por “esses desvios sem saída”. Por isso, afirma Gontijo, “a carta é uma escrita ‘em trânsito’, pois sua existência é flutuante e contingente”²⁹.

Como uma escrita em trânsito, as cartas e correspondências conservadas por Moura ao tempo em que fazem alusão a seus dramas pessoais e intelectuais, evidenciam de modo semelhante toda uma movimentação, às vezes um tanto silenciosa, entre homens localizados nas mais diferentes cidades do país. Seja em Salvador e Juazeiro, onde o autor deu seus passos iniciais no mundo intelectual, seja entre as dezenas de nomes que interagiram diretamente com ele nas mobilizações culturais ocorridas em cidades dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Ou ainda, nas mobilizações ocorridas em cidades mais distantes dos grandes centros, como em João Pessoa, na Paraíba, e em Teresina, no Piauí, seu Estado natal, conservando e fortalecendo contatos durante várias décadas, tanto de natureza familiar e afetiva, quanto de interesses intelectuais e de pesquisa.

Exemplo disso é o que podemos verificar nas correspondências trocadas entre Moura e o escritor e historiador piauiense Odilon Nunes, na década de 1970, entre as quais destacamos o seguinte fragmento:

Prezado amigo, Dr. Clovis Moura,
Saúde e paz.

Recebi sua carta de 22 de julho, e logo após o bilhete de 29 em que acuso recebimento de **Pesquisas**.

Tardei em responder por motivos de saúde. Hoje, já com 76 anos em busca dos 77 anos, contemporâneo de seu pai, já não tenho grande capacidade para o trabalho. Tudo faço para concluir o meu 5º volume de pesquisas. Já fiz a entrega para a

²⁸ A autora usa esse termo em atenção à contribuição de Dauphin Poulan. Para mais detalhes confira: GONTIJO, op. cit.

²⁹ GONTIJO, op. cit., p. 164.

publicação de três pequenos trabalhos que, logo após o lançamento, terei o prazer de lhe enviar. Envio agora duas monografias, onde há pequenas referências a negros no Piauí, à pg.32 de o **Piauí e seu povoamento**.³⁰

Para a historiadora Ângela de Castro Gomes, ao operar com esse tipo de fonte, o historiador não pode esquecer que a escrita epistolar é uma atividade que tem um papel importante na vida de um escritor. Trata-se de uma prática “eminentemente relacional”, que se configura como um “espaço de sociabilidades privilegiado para o estreitamento de vínculos entre indivíduos e grupos”³¹.

Ângela de Castro Gomes ressalta ainda que toda correspondência tem um destinatário específico com que se pretende estabelecer relações. “Ela implica um jogo de interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê”. Nesse processo de escrever cartas, quem escreve procura “dar-se a ver”³², mostrar-se ao seu destinatário que está ao mesmo tempo sendo visto pelo remetente, buscando um *tête-à-tête*, uma forma de presença, de certa forma física, muito pessoal.

Considerando tais premissas, podemos dizer que as correspondências trocadas entre Clóvis Moura e seus contemporâneos nos auxiliam a melhor compreender as formas de estruturação do campo intelectual com o qual estavam interagindo, trazendo à tona todo um conjunto de elementos que ajudam a explicar sobre como funcionava esse “pequeno mundo”³³ particular, ou mesmo sobre a própria noção de intelectual que orientava as ações e atuações desses sujeitos. Nesse sentido, a análise do material em questão se constitui como uma forma de conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro, os nomes que funcionavam como referências acadêmica e institucional, bem como as articulações que o respectivo campo estabeleceu com outros sistemas intelectuais estrangeiros.

Em atenção particular aos intercâmbios que a volumosa correspondência corporifica no momento em que Moura passou a buscar uma atuação mais direta nos espaços de rearticulação da luta antirracista, sobretudo a partir da década de 1970, observamos que tais registros nos permitem observar com atenção uma insistente preocupação do escritor em encontrar formas de compartilhar sua produção pelo país e seu anseio para encontrar alternativas de publicação para seus livros.

³⁰ NUNES, Odilon. Carta enviada para Clovis Moura (31 dez. 1975). Fundo Clovis Moura, Acervo CEDEM UNESP-SP, Caixa 3. Grifos do autor.

³¹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. *A escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 19.

³² *Ibid.*, p. 19.

³³ *Ibid.*, p. 53.

Em outras oportunidades, Moura usa essas correspondências como um mecanismo para auxiliá-lo na coleta de dados sobre regiões mais distantes que acreditava ser importante para o andamento de seu projeto de estudo sobre a realidade social brasileira como um todo. Para tanto, recorreu a uma dinâmica troca de referências biográficas, textos e até fontes primárias de estudo. Tarefa que demandava recursos intelectuais e materiais, em muitos casos de difícil acesso para aqueles que, a exemplo dele, não desfrutavam do apoio institucional acadêmico, ou sofriam com o problema da distância.

Em meio à diversidade de cartas, um dos casos que mais chamou nossa atenção foi o que envolve as cartas trocadas entre Moura e Rooselved da Silveira, do interior do Espírito Santo, no início dos anos de 1970. Trata-se de um intercâmbio entre duas pessoas que nunca haviam se conhecido pessoalmente, mas aproximados pelo intenso fluxo de comunicação intelectual, no caso, intermediado pelos contatos intelectuais que Clóvis Moura mantinha em Teresina, conforme ficou registrado em uma passagem de uma das correspondências que Moura recebeu de Silveira, à qual dizia:

Prezado senhor,

Desde os meus tempos de curso colegial, venho colecionando dados bibliográficos de escritores e poetas brasileiros da atualidade.

[...] Tendo esse amável A. TITO FILHO, de Teresina, PI, me enviado o seu endereço, é com imenso prazer que lhe escrevo e gostaria, muitíssimo, de poder contar com sua resposta juntando-a às demais já recebidas, onde constam as de literatos famosos do país. [...]

Assim como agi em relação aos demais, também o faço agora, isto é, estou lhe enviando um formulário, pedindo-lhe tão somente, que o preencha e me devolva, para que possa ter e saber algo sobre mais alguém que tem enriquecido a literatura de nossa pátria e que, pois, merece os nossos aplausos e de toda a nossa admiração.³⁴

Entretanto, a pauta sobre as dificuldades da vida intelectual não foi um tema de destaque somente nas correspondências trocadas com aqueles que atuavam em cidades afastadas dos principais centros culturais do país. Em cartas trocadas com outros contatos que Clóvis Moura mantivera em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, encontramos com frequência também queixas sobre a vida intelectual, embora, por vezes, permeadas por outras questões próprias às especificidades do mundo intelectual nos grandes centros.

Nas cartas trocadas entre Moura e alguns desses intelectuais, um dos assuntos que mais se repete parece ser aquele envolvendo a impressão que o próprio Clóvis Moura mostra ter em relação aos mecanismos de acesso, naquele momento, à publicação de livros,

³⁴ SILVEIRA, Rooselved. Carta enviada para Clovis Moura (17 de abril de 1970), Guaçuá-ES. Fundo Clovis Moura, CEDEM-UNESP-SP, caixa 1.

principalmente aqueles envolvendo as editoras de maior prestígio no país. Neste caso, a imprecisão que a correspondência nos passa é de que nem sempre os contatos ou laços de amizade mantidos com alguns dos nomes que estavam à frente dessas instituições facilitavam a vida de escritores como Moura, conforme ficou registrado em uma troca de correspondência entre Moura e Ênio da Silveira, na década de 1960.

Na correspondência em apreço, Moura fez menção à troca de informações ocorridas em outras cartas, permutadas entre ele e Nelson Werneck Sodré, sobre a publicação da segunda edição do livro “Rebeliões da Senzala”. Moura afirma que Sodré havia comentado com ele a possibilidade de conseguir publicar a referida edição junto à editora Civilização Brasileira, e que precisava saber se o combinado ainda estava valendo.

O texto da carta em questão evidencia que o projeto não estava mais em vias de concretização, como a carta anterior entre Moura e Sodré havia deixado a entender. Cordialmente, Moura lamenta a reviravolta na situação e aproveita a ocasião para fazer um parecer sobre a configuração do mundo editorial nacional:

Diante disto acreditei sinceramente que meu trabalho já estava programado na coleção do Nelson Werneck. A carta que fiz a você [Enio da Silveira] foi apenas para a ratificação de uma decisão em termos administrativos. Daí minha insistência e a minha tranquilidade. Infelizmente a coisa não se concretizou como era o ideal para todos nós. São os ossos do ofício de escritor em um país semicolonial...

Apreciação semelhante aparece em outra carta de 1967, endereçada ao escritor e amigo Jorge Amado, na qual Moura confidencia sobre o relativo desânimo que naquele momento sentia em relação ao panorama geral da vida intelectual em São Paulo e das dificuldades que ainda enfrentava para encontrar espaço para a publicação de seus livros. Na ocasião, pontua o escritor:

Meu caro Jorge:

Depois de muito tempo estou de novo falando com você. É que as coisas aqui estão cada dia mais comedoras de medula humana. Felizmente para você aquela distância necessária e as vezes periódica talvez o façam sentir São Paulo dentro de uma perspectiva menos desumana. Mas, para quem vive o dia-a-dia desta selva a coisa sirva ... Tem cobra por todos os lados e se agente não ‘pula de lado’ como se diz no interior da Bahia, o veneno entra fácil.³⁵

³⁵ MOURA, Clovis. Cata enviada (26 out. 1967), São Carlos, Fundo Clovis Moura, CEDEM/UNESP-SP, Caixa 3.

Moura ressalta ainda na carta que, apesar da dificuldade, ele, assim como muitos que se dedicavam ao “ofício”, estava tentando manter os esforços para “ir vivendo”, “lúcidos e coerentes” até com seus “erros”. Fala igualmente das alternativas que estaria buscando para dar continuidade a seus projetos intelectuais que encontrava na poesia uma alternativa significativa. Aqui, Moura coloca o campo da produção poética como a opção que encontrava estímulo para trabalhar e produzir. Porém, ressalta que, mesmo nessa área, também estava tendo dificuldade para se ajustar às demandas do meio, ou seu incômodo com a pouca visibilidade que teria conquistado até então nos ciclos literários nacionais que na sua fala estariam interessados mais “em traduções estrangeiras” do que na produção nacional. E quando voltavam sua atenção para este último, o interesse, ressalta Moura, estaria restrito aos trabalhos de nomes “já consagrados”. Sobre a referida relação com a crítica, acrescenta Moura em seguida:

Creio que, mesmo sem ter conseguido nos meus livros de poesia anteriores a aceitação da crítica ‘bem pensante’, irei conseguir com esse livro não bombons e chocolate, mas pelo menos um reconhecimento discreto dos donos das colunas literárias. Mas não é para eles que eu faço poesia, como não é para eles que você [Jorge Amado] fez romances. Há um público. Ele é que deverá julgar o que criamos³⁶.

Apesar das lamentações, Moura tenta reafirmar junto ao amigo e correspondente certo otimismo em relação às dificuldades enfrentadas. Nas suas palavras, a carta não pretendia ser “amargurada”. Isso não. Ao contrário, seria “apenas reflexo de toda uma situação, de todo um complexo de circunstâncias que nos envolveu”, dizia ele. Na sequência, acrescenta afirmando que “o tom não quer dizer amargura: quer dizer realidade. Esta estagnação é pior do que qualquer outra forma de negação da cultura”³⁷.

De um modo geral, em meio às correspondências analisadas, há em quase todas elas menções ao que seriam as dificuldades de afirmação vivenciadas pelos homens de letras no meio intelectual. Dificuldades que se aliavam a outras demandas e queixas de natureza teórica e conceitual acerca do verdadeiro papel de um intelectual em termos gerais, ou do cientista social em termos específicos. Parece ter sido sob essa atmosfera de descontentamento que Moura e outros nomes irão investir no decorrer da década de 1970 na criação do IBEA (Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas), como alternativa para melhor

³⁶ MOURA, op. cit.

³⁷ Ibid.

enfrentar aquilo que grande parte dos envolvidos avaliou como sendo os principais compromissos da intelectualidade.

Em nossa perspectiva, parece ser justamente observando mais atentamente a atuação de Clóvis Moura junto ao IBEA que podemos dar prosseguimento à reflexão sobre a rede de sociabilidade descrita pelo trajeto do escritor, sobretudo, para tentar situar também no presente estudo a parte que envolve os contatos mantidos pelo escritor com nomes e entidades de outros países, especialmente da América Latina.

O IBEA e a constituição de uma rede de sociabilidades antirracista no Atlântico Sul

Regina Pahim Pinto observou em um de seus estudos³⁸ que, em comparação com as demais mobilizações que o antecederam, uma das principais particularidades do Movimento Negro organizado no período diz respeito ao papel que este passou a protagonizar no cenário político e cultural nacional, devido à maneira inovadora que as bases da nova militância buscaram para relacionar a questão da classe social ao problema do racismo, sem perder a especificidade do movimento e também articulando a questão racial com outras esferas como a política, a economia, a educação e o debate sobre a questão sexual.

No campo da produção intelectual, a orientação do ativismo negro no país foi acompanhada pela projeção de alguns nomes que se colocaram como líderes do movimento, bem como sob a condição de responsáveis pela elaboração dos princípios gerais que ajudariam a compor parte da agenda de demandas do movimento a partir de então. Momento que contou com a contribuição direta de Clóvis Moura, não só colaborando com as diversas iniciativas que foram organizadas por entidades e outros ativistas, que desde o final dos anos de 1960 debatiam a questão racial e o combate ao racismo no país, como passando a encabeçar uma entidade que teve papel destacado na movimentação política e cultural dos anos de 1970 e 1980.

Foi no decorrer desse momento de sua trajetória intelectual, particularmente no decorrer da década de 1970, que Clóvis Moura, em consonância com este seu maior vigor e interesse pelos estudos sobre o negro, ajudou a fundar o IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. Uma entidade fundada na cidade de São Paulo, em 1975, com o objetivo de investigar e difundir conhecimentos sobre os problemas do negro, articulando

³⁸ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. São Paulo: UEPG; Fundação Carlos Chagas, 2013.

ativistas sociais e acadêmicos, em sua grande maioria, que se movimentavam desde os anos de 1960 em torno das atividades que envolveram a criação e atuação da UBE – União Brasileira dos Escritores. Desse modo, como presidente do IBEA, Clóvis Moura assinou artigos, proferiu palestras, participou de debates, ministrou cursos e examinou teses e dissertações.

Conforme ressaltou Cleber Santos Vieira³⁹, foram atividades dessa natureza, encabeçadas por Moura, que ajudaram a fazer do IBEA uma das expressões mais destacadas do ativismo negro pós-1970 e que nos permite reavaliar a maneira particular de como o escritor experienciou e reinventou suas estratégias de luta, procurando seguir uma agenda que preconizava tanto a necessidade de evidenciar e combater o racismo subjacente à sociedade brasileira, quanto para reavaliar o legado da história e cultura africanas. Seguindo tal agenda, constituída por uma “frente política na forma e antirracista nos propósitos”⁴⁰, o IBEA pode, assim, ser compreendido como o resultado da interseção de três campos de atuação com os quais Clóvis Moura manteve, nesse momento, estreita relação: partido político, meio acadêmico (ou ligado à produção científica) e movimento negro propriamente dito.

Esforço de articulação esse que contou em vários momentos com a contribuição da própria UBE, a qual serviu não apenas de abrigo para o IBEA, mas, igualmente, como a principal referência para o Instituto em termos de solidariedade institucional local, colaborando em várias ocasiões como espaço de amparo para planejamento e realização das atividades da entidade.

Seguindo essa dinâmica de articulação, as estratégias de atuação da entidade se deram em várias frentes que, em seu conjunto, procuravam apresentar para as autoridades uma rede de sociabilidades e intercâmbios de ideias envolvendo a cultura letrada do Brasil e do exterior, particularmente com aquelas relacionadas ao problema do negro na “diáspora africana”, na qual estavam inseridos estudiosos da questão negra, editores de revistas, jornalistas, órgãos governamentais e entidades privadas de outros países destinadas a financiar estudos e pesquisas relacionados à agenda antirracista do período como a Fundação Ford.

Apoiado nessa estrutura, a atuação de Clóvis Moura junto ao IBEA abriu-lhe, por um lado, a possibilidade para o desenvolvimento de pesquisas em parceria com o poder público e, por outro, passou a servir de espaço privilegiado para que o autor estabelecesse e

³⁹ VIEIRA, Cleber Santos. Clóvis Moura e a fundação do IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas. *Revista da ABPN*, v. 9, n. 22, p. 350, mar./jun. 2017.

⁴⁰ VIEIRA, op. cit., p. 352.

solidificasse alguns vínculos e intercâmbios intelectuais com outros nomes⁴¹ dos cenários nacional e internacional, empenhados no renovado interesse pelas questões raciais das décadas de 1970 e 1980.

Em parte, é isso o que nos informa alguns registros da atuação do IBEA, a exemplo da numerosa correspondência oficial trocada entre o Instituto e alguns ícones de sua rede de contatos, principalmente as que se encontram preservadas no acervo do escritor, no Centro de Documentação e Memória da UNESP-SP, entre as quais destacamos a cópia do comunicado endereçado ao Governo de Angola, redigido após a proclamação de sua independência em 1975. Na ocasião, pontua Moura, como um dos dirigentes do Instituto:

Prezados senhores,

Agora que a Independência de Angola deixou de ser uma aspiração para se transformar em realidade radiosa, o IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, entidade que procura estudar e levantar os problemas do ‘negro’, vem trazer a esse governo a sua proposta de colaboração.

Neste sentido é que oferecemos os nossos préstimos na área de intercâmbio cultural e na colaboração fraternal em tudo aquilo que nos for solicitado, objetivando o desenvolvimento desse país e a solução dos problemas mais urgentes ligados às tarefas de consolidação de sua independência naquilo que tiver de alcance em nossas possibilidades.

Esta será uma forma de reconhecermos o esforço que o povo angolano faz não apenas para libertar-se do colonialismo, mas também, pelo seu exemplo de autoafirmação democrática e de compreensão dinâmica do futuro da humanidade.⁴²

Além do conjunto de correspondências em nome do IBEA disponibilizado pelo acervo do escritor, outros elementos que nos ajudam a compreender melhor a natureza e a dinâmica assumida pela rede de trocas e sociabilidades construídas pelo ativismo negro nesse momento e a compreender melhor a perspectiva transitiva da experiência intelectual de Moura ao longo desses anos, são as cartas e correspondências trocadas diretamente com indivíduos de outros países que, assim como ele, se envolveram na luta antirracista desse período.

Entre os contatos estabelecidos, merece destaque a contínua correspondência mantida entre Clóvis Moura e um escritor mexicano chamado Pablo Martinez que, pela análise dos registros encontrados no seu acervo da CEDEM, durou mais de duas décadas. Por meio da troca de diversas cartas, os dois sujeitos compartilharam laços de amizade e informações sobre a vida intelectual ao redor deles, não apenas no Brasil e no México, mas na própria América Latina, tendo em vista os contatos mantidos por ambos com outros intelectuais dos países vizinhos.

⁴¹ Entre os quais podemos citar: Antônio Fernandes Neto, Eduardo de Oliveira, Osvaldo de Camargo, José Carlos Ruy, dentre outros.

⁴² IBEA. Correspondência enviada (01 nov 1975). Fundo Clovis Moura, CEDEM UNESP-SP.

Além de Pablo Martinez, Clóvis manteve contato direto com outros nomes ligados a entidades do meio intelectual e de pesquisa sobre as questões afro-americanas de outros países da América do Sul. Entre essas, merece ser ressaltado aqui também suas correspondências mantidas com o músico e ativista afro-peruano Nicomedes Santa Cruz, na década de 1970. Em uma dada correspondência, Nicomedes fez algumas apreciações sobre o Congresso de Dakar, em que os dois estiveram presentes, além da necessidade de dar continuidade às discussões realizadas no evento por meio da publicação, em forma de livro, de alguns textos apresentados e discutidos no encontro, incluindo o que havia sido apresentado pelo próprio Clóvis Moura.

Na visão de Nicomedes, tanto o Congresso como as publicações seriam uma forma de eles poderem melhorar o intercâmbio de ideias e pesquisas entre esses homens de letras na América. Nesse sentido, Santa Cruz fala, então, sobre alguns projetos seus elaborados com esse propósito e que envolvia também a colaboração de Pablo Martinez.

Os contatos mantidos entre Clóvis Moura e intelectuais e instituições estrangeiras intensificaram-se ao longo dos anos, especialmente no momento em que o escritor se manteve à frente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, na década de 1980. Sobre esse período, localizamos várias correspondências trocadas com representantes de vários países do continente, tais como Nicarágua, Colômbia e EUA, como também com outros mais distantes, a exemplo da Itália, na Europa; ou mesmo da China, na Ásia. Isso sem perder vínculos e contatos mais antigos, a exemplo do contato com o seu amigo Pablo Martinez, conforme ressaltamos anteriormente.

A prática da troca de livros e referências bibliográficas também foi uma ferramenta de intercâmbio que continuou se fazendo presente nesta fase dos trânsitos intelectuais experienciados pelo escritor. Exemplo disso é o que podemos encontrar na correspondência redigida por Clóvis Moura endereçada ao professor norte-americano Reid Andrews, em 1983. Na oportunidade, informava Moura ao amigo do departamento de História da *University of Pittsburg* sobre:

Prezado amigo Andrews:

Estou, no momento, respondendo à sua carta de 22 de junho, e, ao mesmo tempo acusar o recebimento do seu livro 'The Afro-Argentinos of Buenos Aires', bem como o de Pirri Thomas 'Down These Mean Streets'.

Quanto ao primeiro, o da sua autoria, terei prazer de lê-lo e aproveitá-lo nos meus trabalhos sobre o assunto. Será muito útil para mim. Separadamente estou lhe enviando o meu livro 'Rebeliões da Senzala' sobre revoltas de escravos no Brasil. Não sei se poderá ser-lhe útil. Ficaria feliz se servisse para os seus estudos. Quanto ao outro, vou lê-lo posteriormente com todas aquelas cargas existenciais que você já sugeriu...

Vou providenciar tudo para que você tenha um contato com o prof. Paraíba e o FEBEN pois, segundo penso, você poderá terminar a sua pesquisa nesta área. Não me agradeça a ajuda, pois o que lhe prestei foi muito pouco. Um dia ainda voltarei aos Estados Unidos e talvez tenha de precisar da sua amizade e dos seus préstimos.⁴³

Questões semelhantes envolveram a troca de cartas entre Clóvis Moura e o professor Zapata Oliveira, da Colômbia. Nas correspondências com esse outro escritor, Moura pontua não só informações sobre livros, mas também sobre os encontros “Americanistas” que aconteciam naquele momento, e de alguns de seus projetos de pesquisa e estudo que estava desenvolvendo junto ao IBEA:

Agora estou lhe enviando a carta que me foi devolvida pelo Correio para você ver como as coisas, muitas vezes, se desencontram contra a vontade. Desta forma, terminei não participando do encontro dos Americanistas, o que foi uma pena. Iria apresentar, conforme escrevi em outra carta, uma comunicação sobre a comunidade negra do Mimbó, onde estive durante três meses. Não deu, paciência. Agora estou preparando a ‘Sociologia do negro brasileiro’ que pretendo terminar até junho de 1986. Antes disto, porém, vamos ver se conseguimos nos encontrar. Como está a publicação do seu livro no Brasil? Seria interessante você me dar detalhes para ver se poderia forçar alguma editora aqui em São Paulo.⁴⁴

Em outras oportunidades, o intercâmbio com nomes estrangeiros tinha pretextos bem mais “amplos” do que os projetos individuais e intelectuais dos protagonistas envolvidos. Em correspondência com Francisco Lacayo, Vice-Ministro da Cultura da Nicarágua, em 1985, Clóvis chama atenção para os interesses mais amplos que diálogos dessa natureza poderiam trazer para ambos os lados contactantes, seja por meio da troca de livros, seja por meio de contatos diretos entre eles:

Prezado senhor:

[...] Gostaria imensamente de visitar o seu país, pois acho muito séria e desafiadora a experiência sócio-política que está sendo vivida pela Nicarágua, e estruturação de toda uma nova ordem social, as comoções que sofre o seu povo com as violências externas e o otimismo que de tudo isto emerge, e que leva a se supor um futuro altamente positivo para os nicaraguenses.

Por tudo isto desejaria conhecer pessoalmente esta experiência e, se possível, dar a minha contribuição para que no mais breve tempo possível, a Nicarágua, livre de ataques e ameaças, encontre o seu lugar justo entre os países da América Central.⁴⁵

⁴³ MOURA, Clovis. Carta enviada para Reid Andrews (23 ago. 1983). Fundo Clovis Moura, CEDEM-UNESP-SP, Caixa 3.

⁴⁴ MOURA, Clovis. Carta enviada para Zapata Oliveira (7 out. 1985). Fundo Clovis Moura, CEDEM-UNESP-SP, Caixa 3.

⁴⁵ MOURA, Clovis. Carta enviada para Francisco Lacayo (17 jul. 1985). Fundo Clovis Moura, Acervo da CEDEM-UNESP-SP, Caixa 3.

Esse amplo leque de preocupações serviu de pretexto para que Moura buscasse manter contato também com expoentes do mundo intelectual de lugares mais distantes, como é o caso do contato mantido com o professor Joan Siegle, da Universidade de Gênova, na Itália, a exemplo da carta trocada com o professor em 1987⁴⁶. Na oportunidade, Clóvis Moura tanto lamenta ter se passado quase dez anos do último contato mantido entre os dois, quanto aproveita para atualizar o amigo dos trabalhos que havia desenvolvido no intervalo de tempo e de seu interesse em publicar alguma coisa pela Europa.

De forma geral, nossa impressão é de que as contribuições que esses intercâmbios estrangeiros tiveram para a atuação de Clóvis Moura não se reduziram à condição simples de meio amigável de compartilhamento de aflições relacionadas às dificuldades do trabalho intelectual, mas como uma forma para que o intelectual mantivesse um espaço de reflexão interligado com outras localidades do mundo atlântico que compartilhavam de uma situação semelhante a do Brasil, em relação, sobretudo, à questão racial. Portanto, era uma forma estratégica para poder repensar à luz de uma visão mais abrangente, e talvez, desse modo, mais reveladora, sobre o “problema do negro brasileiro” e sobre os caminhos do ativismo intelectual interessados em achar uma solução para a questão.

Ao observarmos os percursos descritos por tal rede de contatos, constatamos que, em certos aspectos, eles complementam o argumento trabalhado por outros estudos e pesquisas sobre o ativismo negro desse período, especialmente nos pontos relacionados ao que seriam as características e particularidades do movimento negro construído nesse momento em relação às fases anteriores, tendo em vista a combinação de fatores diversos, internos e externos, no contexto geral da política repressora dos Governos Militares, em que o antirracismo do período teria se estruturado. Entre esses destacamos: a reorientação e disputas teóricas no campo das ciências sociais, fortalecimento de ações coletivas transnacionais e ampliação de arenas internacionais, bem como a ampliação e difusão de narrativas e imagens simbólicas via mercado, conforme bem ressaltou em seu estudo Flávia Mateus Rios⁴⁷.

Ao reavaliar o conjunto de fatores que contribuiu para a construção do movimento negro contemporâneo, Flávia Rios ressalta a possibilidade de encontrarmos, quer seja nas trajetórias de vida, quer nos relatos ou nas páginas de jornal, “marcas significativas” do debate político daquele momento turbulento, em muitas oportunidades “tingido pela retórica de classe e pela crítica negra dissonante”, deixando transparecer as evidências de constituição

⁴⁶ Para mais informações, MOURA, Clovis. Carta enviada para Joan Siegle (21 abr. 1987). Fundo Clovis Moura, CEDEM-UNESP-SP, Caixa 3.

⁴⁷ RIOS, op. cit., p. 14.

de uma identidade coletiva negra em confronto com o “constructo simbólico e político da esquerda no Brasil, além de suas alianças políticas”⁴⁸.

Em consonância com a análise desenvolvida por Flávia Mateus Rios, Amílcar Araújo Pereira avalia que, durante a década de 1970, os êxitos obtidos pelo movimento negro pelos direitos civis nos Estados Unidos, o avanço das lutas de libertação nos países africanos durante a década anterior e as mobilizações internas contra a ditadura militar e pelo processo de abertura política contribuíram para que as “influências externas” adquirissem uma dimensão diferenciada no processo de constituição do ativismo antirracista no Brasil. No processo de influências construídas em múltiplas direções, acrescenta o historiador, “o movimento negro que surgia no Brasil procurava informações sobre as lutas que foram travadas por populações negras pelo mundo afora para informar o próprio movimento e também para sensibilizar a sociedade brasileira sobre a questão racial no país”⁴⁹.

Por outro lado, os fragmentos da experiência de Clóvis Moura, analisados ao longo do texto, deixam brechas para questionarmos afirmações de que tais influências estrangeiras tenham sido “determinantes” para o surgimento das mobilizações antirracistas no país durante esse período. Acreditamos que a presença da complexa rede de sociabilidades mapeada, a exemplo da que podemos identificar por meio de experiências como a do IBEA, revela nuances de um processo de troca em múltiplas direções e a constituição de um espírito antirracista fundamentado em questões diretamente ligadas à nossa particularidade político-social, e de percepções sobre as desigualdades raciais e “casos de racismo” em nossa sociedade. Percepções que, de um modo geral, também se constituem como um elemento impulsionador para a criação de diversas entidades negras país afora, alimentadas pela percepção de que o Brasil não estava sozinho nessa batalha e/ou de que outros lugares do mundo também viviam “esse drama”⁵⁰.

Considerações finais

Depois de mapeados os trânsitos e da rede de sociabilidade demarcada pelos fragmentos e registros biográficos descritos, conforme procedemos ao longo do texto, concluímos que existem zonas de fronteiras que perpassam a trajetória intelectual do escritor e do próprio antirracismo organizado no período que precisam ainda ser mais bem explorados.

⁴⁸ Ibid., p. 50.

⁴⁹ PEREIRA, op. cit., p. 140.

⁵⁰ PEREIRA, op. cit., p. 163.

Zonas de conexão que, parafraseando Maria Stella Bresciani⁵¹, constituem, por sua vez, verdadeiros “lugares-comuns” por meio dos quais o ativismo negro parece ter se usufruído para fundamentar ou legitimar suas estratégias de atuação na luta contra o racismo, independente de qual tenha sido o lugar de onde elas se originaram.

“Lugares-comuns” constituídos por um conjunto de “ideias repetidas”, seja pela figura exemplar do “homem cordial”, seja pela imagem “depreciada do brasileiro”, que trafegaram e talvez ainda trafeguem pelos mais diferentes lugares e escritos da nossa intelectualidade, ajudando a compor impressões como as da imagem “ressentida dos aqui nascidos”. O brasileiro ressentido consigo mesmo. Ressentido com seus pais colonizadores pela herança “maldita” deixada “em terras tropicais”⁵². E somando-se a isso tudo, repetições sobre aquilo que seria, na opinião de homens como Moura, a então proclamada tarefa dos intelectuais como aqueles que deveriam indicar o caminho a seguirmos, apontando falhas e vícios de formação do país e desvendando as possibilidades da realidade brasileira⁵³.

Enfim, o que fica depois deste percurso é a constatação de que parece ser justamente na busca por uma melhor compreensão de quais seriam esses “lugares-comuns” e de como o ativismo negro se relacionou com eles, que deveríamos refletir mais sobre trajetos paradoxais como o de Moura, especialmente no que diz respeito à sua numerosa produção bibliográfica sobre o negro e sobre as questões raciais no Brasil. Seria, portanto, seguindo essa trilha de vínculos diversos, funcionando em múltiplos sentidos e direções, que suspeitamos ser possível igualmente entendermos melhor determinadas estratégias adotadas pelo pensamento antirracista, especialmente aquelas que continuam a servir como parâmetro para a luta contra o racismo nos dias de hoje.

⁵¹ BRESCINI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Viana entre intérpretes do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2007.

⁵² BRESCIANI, op. cit., p. 15.

⁵³ Ibid.